

Maria Olinda Rodrigues Santana

*José Vitorino Pinto Santana:
fotobiografia de um médico na segunda metade
do século XX*



Porto

2010

José Vitorino Pinto Santana:
fotobiografia de um médico na segunda metade do século XX

Maria Olinda Rodrigues Santana

José Vitorino Pinto Santana:
fotobiografia de um médico na segunda metade do século XX

Porto

2010

Ficha técnica

Título

José Vitorino Pinto Santana: fotobiografia de um médico na segunda metade do século XX

Autora

Maria Olinda Rodrigues Santana

Edição

Estratégia Produção de Eventos Culturais, Lda.

Capa

Fotografia de José Vitorino fitado

1.ª Edição

Porto, 2010

Data da publicação

Junho de 2010

Impressão e acabamento

Agapex

ISBN

978-989-96840-0-3

Depósito legal

313449/10

© Maria Olinda Rodrigues Santana

Publicação e Comercialização

Sítio do Livro, Lda.

Lg. Machado Assis, Lote 2 –1700-116 Lisboa

www.sitiodolivro.pt

Sumário

Introdução	10
1. – Breve enquadramento histórico-político no âmbito nacional e internacional	14
2. – A cidade do Porto: breves considerações	17
3. – Biografia de José Vitorino Pinto Santana	21
3.1 – Presença marcante no Órfeão Universitário do Porto	25
3.1.1 – Recordado pelos colegas orfeonistas da Academia Portuense	41
3.2 – A Queima das Fitas com os amigos e a namorada	43
3.3 – Namoro e casamento	55
3.4 – Guerra Colonial em Moçambique	63
3.4.1 – Cartas de amor em tempo de guerra	66
3.5 – Vida profissional	83
3.6 – Director Clínico do Futebol Clube do Porto	89
Conclusão	97
Referências bibliográficas	99
Índice de fotografias	102

Introdução

Dois objectivos nortearam este trabalho, um, de índole sentimental: render uma justa homenagem ao meu tio e padrinho, um homem e um médico de envergadura singular, e, um outro, de índole científica: estudar um pequeno acervo familiar composto por escrita quotidiana gravada por ele e pela esposa, numa correspondência de amor e guerra e em fotografias de ambos, documentação produzida num período difícil das suas vidas: a guerra colonial vivida, na primeira pessoa, por meu tio em Moçambique, e, na segunda pessoa, por minha tia e madrinha, na cidade do Porto, nos anos de 1967 a 1969. Recuperei ainda alguma escrita quotidiana do período académico de meu tio e da sua extraordinária actividade no Orfeão Universitário do Porto, antes e depois de ter terminado a sua licenciatura em medicina, em 1957.

Como é sabido, na actualidade, a historiografia consagra grande atenção aos trajectos das pessoas comuns, com frequência, estes trilhos ficam cinzelados nos seus escritos quotidianos. Todos temos uma vida comezinha, por mais extraordinários que sejamos, por mais cargos e títulos que possuamos. Não são só os ilustres, os letrados, os estadistas que ocupam as páginas dos livros de história, mas todas as pessoas comuns, pois todos deixamos marcas pessoais, espaciais e temporais nos textos redigidos no dia-a-dia. Todos os membros de uma sociedade que tenham frequentado a escola durante alguns anos produzem *escritos quotidianos* ou *populares* (Albert 1993). Todas as pessoas, nalgum momento da sua vida, produziram escritos autobiográficos da esfera pessoal, tais como: diários, memórias, cartas, postais ilustrados, poesias, legendas nas fotografias. Essas mesmas pessoas produzem ainda *escritas domésticas*: livros de contabilidade, livros de receitas, ementas, cadernetas bancárias, canhenhos, livros de família: nascimento, comunhão, casamento; agendas, entre outros. Para além dos escritos da *esfera pessoal*, íntima e doméstica são produzidos também escritos associados à *esfera da vida profissional*, registados pelos alunos nas escolas, nas universidades (cadernos escolares, agendas), pelos professores (preparação de aulas, sumários, materiais de apoio escolar, agendas profissionais), pelos funcionários administrativos das mais diversas instituições (missivas várias, informações,

circulares, formulários, pareceres, actas, etc.) ou noutras profissões (apontamentos vários, documentos avulso, etc.).

Como verbaliza Philippe Artières, citando George Perec (1974):

existem poucos acontecimentos que não deixam ao menos um vestígio escrito. [Se] Quase tudo, em algum momento, passa por um pedaço de papel, uma folha de bloco, uma página de agenda, ou não importa que outro suporte ocasional sobre o qual vem se inscrever, numa velocidade variável e segundo técnicas diferentes, de acordo com o lugar, a hora, o humor, um dos diversos elementos que compõem a vida de todo o dia' (...) 'não conservamos senão uma parte ínfima de todos esses vestígios.

Por quê? Primeiro, porque a perda é induzida por certas práticas (a correspondência, por exemplo, é por natureza uma escrita perdida). Depois, porque dessa vida de todo dia, retemos apenas alguns elementos (um diário íntimo por exemplo, é por definição uma seleção e não é jamais exaustivo). Enfim, porque fazemos triagens nos nossos papéis: guardamos alguns, jogamos fora outros; damos arrumações quando nos mudamos, antes de sairmos de férias. E quando não o fazemos, outros se encarregam de limpar as gavetas por nós. Essas triagens são guiadas por intenções sucessivas e às vezes contraditórias (Artières 1998: 1-2).

Todo o manancial documental, que fomos acumulando e continuamos a produzir no nosso dia-a-dia, está a ser guardado nas nossas casas, nos nossos gabinetes de trabalho, nas secretarias das instituições onde trabalhamos, mas o que acontece frequentemente é que muita dessa documentação é enviada para o lixo periodicamente, no final do ano escolar, no final do ano civil, com a mudança de gabinete, de serviço, etc.

Em Portugal - ao contrário do que acontece noutros países europeus, tais como: em França, em Itália, na Alemanha, na Suíça, em Espanha, onde há o hábito enraizado de escrever em pequenos cadernos ("moleskines"), em agendas, em livros de memória e, sobretudo, onde há o costume de preservar esses escritos, entregando-os aos arquivos, a associações culturais, para que estes passem de geração em geração - as pessoas escondem ou deitam fora os seus escritos pessoais. A maior parte das vezes, quando os herdamos deitam-nos fora ou vendem-nos. Recentemente, adquiri um acervo pessoal de uma senhora portuguesa (Maria Irma Nunes de Sousa), que viveu grande parte do século XX (1910-1989), na sua cidade. Tive oportunidade de preservar e estudar esse acervo, porque um familiar, segundo creio, o deu ou vendeu.

No nosso país, há muito receio da exposição pública, há medo de mostrar aos outros os sentimentos, as dúvidas, as hesitações, etc. As pessoas preferem rasgar os seus documentos ou deitá-los fora e, só muito excepcionalmente, têm gosto neles e os querem dar a

conhecer. Apesar deste cenário um pouco negro e pouco estudado em Portugal, os escritos quotidianos existem nos contextos pessoais, familiares e sociais que nos são próximos. É preciso acautelar, guardar estes escritos, porque eles servirão para dar consistência à nossa memória pessoal, familiar e colectiva.

Actualmente, com o uso das novas tecnologias os escritos quotidianos podem ser estudados e divulgados, ganhando uma nova vida. Basta para tal ter o cuidado de os colocar nas redes sociais. Por exemplo, no facebook, encontram-se inúmeros livros de família construídos com escritos quotidianos (fotografias, legendas, pequenos textos). Nos incalculáveis blogs encontráveis na internet, os bloguistas estão constantemente a produzir escritos quotidianos para todos os cibernautas. Qualquer pessoa, em qualquer parte do mundo pode ler/conhecer os escritos quotidianos dos outros, pode dialogar com eles, pode completá-los, pode questioná-los, pode criticá-los. O grande problema com que nos debatemos presentemente é o de saber como arquivar para o futuro todo este manancial informativo. Esta é uma questão a retomar noutra lugar.

Voltemos aos objectivos deste trabalho.

Como explicitarei atrás, o motivo que me levou a escrever este texto foi um motivo pessoal: o de oferecer à minha tia e madrinha uma fotobiografia do seu marido, recentemente falecido, permitindo que o recorde ao visionar as suas fotografias, ao ler as suas dedicatórias, no fundo, ao rememorar o seu percurso vivencial. Outro motivo que me moveu foi o facto de o meu tio e padrinho ter sido um homem extraordinário, um humanista, um médico, como já não existia no seu tempo: dedicado aos seus doentes, sempre ajudando e amparando os mais pobres, um verdadeiro “João Semana”. Para mim, o meu tio e padrinho sempre foi e continua a ser um modelo de humanista e de profissional abnegado. Não se deixou atrair pelas frívolas vaidades, pelo materialismo, pela avidez tão característica e tão impregnada nos profissionais de saúde.

Lembro-me de quando me formei, tinha eu 22 anos, o meu tio e padrinho me ter recomendado, seriamente, que não seguisse o seu exemplo. Sentia-se bem consigo mesmo, mas considerava que tinha abdicado um pouco em demasia do gosto pelo materialismo, pelo bem-estar económico, pela segurança financeira, tendo, talvez, prejudicado materialmente a sua família mais próxima (esposa e filhos). Repliquei que - o que o tornava diferente e mais estimado do que os seus colegas - era, precisamente, não se ter deixado corromper pela ganância, pela ambição desmedida, pelo vil metal. Por certo, prejudicou financeiramente a sua família, não tendo exercido a sua profissão com o objectivo de enriquecer - como o fez e o faz o maior dos seus colegas - mas com a nobre finalidade de

atenuar o sofrimento dos outros. Quanto ele foi maior, mais digno, mais venerado pelos seus doentes e pelos funcionários dos serviços onde trabalhou. Quão diferente era de maior parte dos colegas! Constantemente preocupados em levar os doentes do Serviço Nacional de Saúde para os seus consultórios privados e clínicas, para assim aumentarem ou criarem os seus cabedais, enquanto o meu tio se preocupava com as precárias condições económicas dos seus doentes e os encaminhava do seu consultório privado para o Serviço Nacional de Saúde, para lhes mitigar o peso, já de si grande, das doenças com que se debatiam. Não admira, portanto, que ainda hoje todas as pessoas que o conheceram o recordem com saudade e carinho, desde os doentes aos funcionários do Hospital de S. João, onde foi médico especialista em urologia, durante décadas. Na verdade, as boas acções são mais importantes do que o dinheiro acumulado, pois as boas acções falarão por nós depois do nosso desaparecimento, e o dinheiro será gasto sem deixar lembrança.

Por estes motivos, ele continua e continuará a ser um modelo para todos aqueles que vêem na ciência e na técnica um serviço, um arrimo, um conforto e não um meio de atingir vaidades, patrimónios e lugares de destaque numa sociedade movida por interesses mesquinhos e pouco nobres. É evidente que é mais fácil ser como a maioria, ser uma peça defeituosa entrosada numa engrenagem infecta, num sistema subvertido. O difícil é ser íntegro, humano, atento aos outros. José Vitorino Pinto Santana foi um homem recto, um ser humano admirável, um profissional inexcelável.

Nos testemunhos dos seus colegas e amigos, que oferecemos à frente, ficaram rememoradas as suas qualidades de amigo, de cantor de “fado de Coimbra” e de médico humanista.

O segundo objectivo deste texto de cariz mais científico também foi cumprido. Conseguimos salvaguardar e estudar um acervo familiar representativo de uma época da história recente, dando especial destaque a um período crítico da nossa história, a guerra colonial vivida por um jovem casal portuense, na segunda metade do século XX.